**PSICOLOGIA SOCIAL E INCLUSÃO: COMPREENSÃO E APOIO À PESSOA AUTISTA**

**Lidiane Aparecida da Silva**

**PALAVRAS-CHAVE**: processos psicológicos; sociedade; autismo; capacitismo;

**ÁREA TEMÁTICA:** Comportamento, cognição e saúde mental.

Para a maior parte das pessoas autistas, obter o diagnóstico é como abrir as portas de sua alma para a auto aceitação. Ela passa a compreender que possui um cérebro que pensa e sente diferente e que não precisa tentar ser igual aos demais. Apesar disso, ter um laudo também coloca o autista em constante enfrentamento contra o preconceito. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma deficiência que não necessariamente apresenta características visíveis, o que faz com que pessoas dentro do espectro sejam invalidadas quando tentam garantir seus direitos em situações simples do dia a dia, como vaga de estacionamentos ou filas. Além disso, existe um processo silencioso de invalidação das vozes autistas e de suas conquistas nos meios social e acadêmico, e no mercado de trabalho. Nesse contexto é importante compreender como a Psicologia Social, pode contribuir para a compreensão e apoio à pessoa autista. Para subsidiar o alcance do objetivo proposto, foi realizada pesquisa bibliográfica em livros físicos e bases de dados. Ao considerar a Psicologia Social uma ciência que possui o compromisso de pensar criticamente as diferenças e se posicionar eticamente diante de pensamentos sociais que invalidam a autonomia e dignidade de um determinado grupo de indivíduos, é importante compreender que conforme aponta Rodrigues, Assmar e Jablonsky (2009, p.15), o comportamento social deve ser estudado à luz da influência de fatores situacionais. Dessa forma, o contexto, seja ele social, político, histórico ou cultural, vai afetar os comportamentos e os processos mentais das pessoas. Um caso típico de influência dos fatores situacionais é o tratamento dado às pessoas com deficiência. Na sociedade em que vivemos, o discurso social capacitista, ou seja, que trata pessoas deficientes como inferiores em relação às sem deficiência, é amplamente difundido. Mello (2016, p.3266) explica que o capacitismo se materializa “através de atitudes preconceituosas que hierarquizam sujeitos em função da adequação de seus corpos a um ideal de beleza e capacidade funcional”. Infelizmente são poucos os autistas que conseguem abrir caminho frente às barreiras impostas socialmente, e é exatamente por isso que a psicologia social precisa estar aberta a fomentar o debate da inclusão. O psicólogo, enquanto profissional da saúde, precisa ir além dos padrões de pensamentos socialmente consolidados. Para promover a liberdade, a dignidade, a igualdade e a integridade da pessoa autista e lhe proporcionar condições de saúde e qualidade de vida, ele precisa deixar de lado ideias pré-concebidas de seu próprio repertório social e buscar olhar para o indivíduo em sua especificidade. Antes de ser autista, ele é um ser humano com sentimentos, potencialidades e limitações que precisam ser trabalhadas para integração social, aceitação e empoderamento da condição de pessoa neurodivergente. Em síntese, vivemos em uma sociedade onde o diagnóstico de autismo ainda é recebido como uma sentença de exclusão. Nesse cenário a psicologia social tem muito a contribuir através de estudos que investiguem não apenas como o indivíduo autista é afetado pela sociedade e as formas de tratamento disponíveis, mas também como ele pode influenciar e modificar o contexto social no qual está inserido.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do comitê de ética em pesquisa da ufsc. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 21, n. 10, p. 3265-3276, out. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKY, Bernardo. **Psicologia Social**. 27. ed. Revisada e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2009.